

HISTORIOGRAFIA ILUSTRADA E A INTERPRETAÇÃO DAS CRUZADAS

LUIZ FRANCISCO ALBUQUERQUE DE MIRANDA

Mesmo anunciando o caráter racional do homem, os ilustrados admitem que os elementos irracionais interferem permanentemente nos processos históricos. Em meados do século XVIII, ao conceber a sua “história filosófica” no *Ensaio sobre os costumes e espírito das nações* – “o primeiro esboço de uma história geral da civilização”¹ –, Voltaire procura entender os grandes massacres ocorridos na Europa desde a Idade Média:

*Já que a natureza colocou no coração dos homens o interesse, o orgulho e todas as paixões, não é surpreendente que, em um período de aproximadamente dez séculos, nós observemos uma sequência quase contínua de crimes e desastres*².

Ao analisar a história europeia, Voltaire indica a perigosa incidência das paixões. O homem é, segundo o autor, um ser racional e sociável, sensível à dor de seus semelhantes. Todavia, o *Ensaio sobre os costumes* discute processos históricos tensos e ambíguos: o homem pode ser cruel, agindo de modo brutal para satisfazer seus interesses. Objetivando riqueza, honra e poder, ou conduzido pela superstição, ele sufoca ou corrompe sua sociabilidade natural. Inquieto para colocar o mundo exterior a serviço de suas crenças e ambições, abandona a prudência e a reflexão.

Exemplo desse comportamento Voltaire oferece no capítulo LIV do referido *Ensaio*: “Da Primeira Cruzada até a tomada de Jerusalém”³.

Na Primeira Cruzada, milhares de europeus pobres seguiram um líder religioso fanático, Pedro o Eremita, e embriagaram-se com o “entusiasmo religioso” provocado pela “imaginação forte” e pelo “ardor de sentimentos” do pregador. Segundo Voltaire, Pedro,

depois de uma peregrinação pelo Oriente, concebeu um ousado plano de conquista da Terra Santa e, arregimentando vagabundos e ignorantes, ofereceu-lhes de maneira viva e tocante um final glorioso para suas vidas humildes: vingar a morte de Jesus. A possibilidade de assaltar o rico Oriente também seduziu esses miseráveis e o fanatismo aliou-se à cobiça. As pregações de Pedro excitaram um “furor epidêmico”. No mesmo período, o papa Urbano II também exortava os membros da nobreza européia a um ataque à Ásia islâmica, propondo “a redenção de todos os seus pecados (...) lhes impondo como penitência seguir a maior de suas paixões: correr às pilhagens”. O papa arrastou para a aventura militar “uma multidão de novos senhores inquietos, independentes, amantes da dissipação e da guerra”⁴. Dois projetos interligados de conquista da Terra Santa desenhavam-se no mesmo contexto histórico: a marcha delirante de Pedro reúne-se ao interesse da Igreja em massacrar os muçulmanos e estabelecer uma monarquia cristã universal.

Quanto à campanha liderada por Pedro o Eremita, o resultado foi desastroso: depois de saquear algumas cidades, seu frágil exército foi destruído pelos turcos. O fracasso deveu-se à desorganização - Pedro nada sabia a respeito da arte da guerra - e à rusticidade dos combatentes, movidos apenas pelo fanatismo e pelo desejo de pilhar. Como esse projeto estranho e infeliz pôde mobilizar milhares de pessoas? Para Voltaire, a mais perigosa das paixões moveu esses aventureiros: o “furioso entusiasmo” religioso instigado pela “imaginação forte”. Como surge esse “entusiasmo”? Convém lembrar o verbete “Imaginação” do *Dicionário filosófico*:

Há duas espécies de imaginação: uma que consiste em reter uma simples impressão dos objetos; outra que arranja essas imagens retidas e as combina de mil maneiras. A primeira foi denominada imaginação passiva, a segunda, ativa. (...) A imaginação passiva não necessita certamente do socorro de nossa vontade, quer no sono, quer na vigília. (...) é um sentido interior que age necessariamente (...). A faculdade passiva, independente da reflexão, é a fonte

de nossas paixões e de nossos erros: longe de depender da vontade, ela nos impulsiona em direção aos objetos que ela pinta, ou deles nos afasta, conforme a maneira que ela os represente. (...) Essa espécie de imaginação servil, quinhão costumeiro do povo ignorante, foi o instrumento do qual a imaginação forte de certos homens utilizou-se para dominar. (...) A imaginação ativa é aquela que reúne reflexão e combinação à memória. Ela aproxima muitos objetos distantes. Ela separa os que se misturam, os compõe e os altera. Parece criar, quando não faz mais que arranjar, pois não é dado ao homem elaborar idéias por si mesmo – ele apenas as modifica⁵.

Origem de várias paixões, a “imaginação passiva” não compõe as impressões que recebe, ou seja, o indivíduo, ao experimentá-la, não intervém de modo consciente combinando ou distinguindo suas sensações. Como a vontade jamais interfere na “imaginação passiva”, esta assume um caráter servil. Movida pelas paixões decorrentes da “imaginação passiva”, o indivíduo é determinado pela representação momentânea de seu objeto de interesse. Permanecendo nessa determinação, ele é incapaz de utilizar outras referências para recompor a forma que o objeto manifesta no momento em que é representado e estabelece uma idéia fixa a seu respeito. Não há problema quando esse impacto irrefletido expressa apenas os instintos de sobrevivência e de sociabilidade (por exemplo: a fome que a imagem de um alimento estimula ou os sentimentos paternais diante do filho). Porém, um grave problema aparece quando a “imaginação forte” de um pregador domina a “imaginação servil” do homem ignorante e simples. Então, este último deixa de operar com múltiplas referências e, sendo incapaz de relacionar suas sensações e conhecimentos, é conduzido pelos que sabem fazer das imagens e dos discursos um instrumento de poder. Os homens de “imaginação forte”, percebendo que o ignorante assimila passivamente mensagens vivas e chocantes, cristalizando-as em idéias fixas,

compõem representações que provocam uma satisfação imaginária, seduzindo-o e acorrentando seus interesses a um quadro de desejos obsessivos.

Voltemos ao discurso historiográfico. Para o *Ensaio sobre os costumes*, foi a incapacidade de usar a “imaginação ativa”, ou seja, de aproximar, distinguir e combinar as sensações, que originou o entusiasmo e a passividade dos ignorantes diante das representações compostas por Pedro o Eremita. A conquista da imaginária Terra Prometida foi encarada como um objetivo que precisava ser atingido de qualquer maneira, pois asseguraria a salvação das almas dos combatentes. Ninguém se preocupou com a análise racional das possibilidades de sucesso da expedição. Ninguém levantou a combinação de fatores que poderia colocá-la em risco. A brutalidade foi a consequência da busca irrefletida e obsessiva de uma felicidade ilusória.

Mesmo depois da derrota de Pedro, quando os cruzados foram conduzidos por chefes “mais políticos, menos entusiastas, mais acostumados ao comando”⁶, o fanatismo continuou a provocar pilhagens e carnificinas. A tomada de Jerusalém, por exemplo, se realizou com um “espírito de vertigem, fúria, deboche e irritação”⁷: os habitantes da cidade foram inutilmente massacrados e os judeus chegaram a ser queimados vivos. Apesar do cálculo político de alguns comandantes e da Igreja, o “entusiasmo epidêmico” motivou a maioria dos cristãos. A narrativa de Voltaire salienta as poucas vantagens obtidas: os europeus conquistaram a Terra Santa por um período efêmero; aliás, ela não era um lugar agradável e próspero. Só as cidades italianas (em especial Gênova), centros abastecedores dos cruzados, conseguiram algum lucro com a guerra. Na história, quando o entusiasmo passional comanda, o caos instaura-se. Desmedido e inflexível, esse impulso patético não inspira obras duráveis. Em geral, os grupos por ele reunidos entram em conflito e se dissolvem. Exemplo disso Voltaire encontra também nas Cruzadas: movidos por suas paixões egoístas, os chefes europeus, depois das primeiras vitórias, passaram a invejar-se reciprocamente e as disputas internas impediram uma defesa eficaz dos territórios ocupados.

A permanência de qualquer obra coletiva necessita de regras racionais que regulem os conflitos.

Os termos empregados por Voltaire nessa narrativa para caracterizar o comportamento dos combatentes - “ardor de sentimentos”, “entusiasmo epidêmico”, “fúria”, “deboche”, “arrebatamento” etc - transmitem a imagem de movimento convulsivo, involuntário. Os cruzados não avaliaram as consequências destrutivas de seus atos, nem se lembraram dos fraternos princípios cristãos. Eles perderam o autocontrole.

No verbete "Entusiasmo" do *Dicionário filosófico*, Voltaire relaciona o tema com o sonho e a embriaguez⁸, situações em que o homem perde o controle dos próprios atos e da imaginação. Embriagado ou sonhando, o indivíduo não percebe a realidade com nitidez. Tudo se passa como se o contato entre os sentidos e a razão estivesse bloqueado. Impossibilitado de meditar e de combinar idéias de modo coerente, ele ignora os múltiplos aspectos do mundo exterior. Sua imaginação torna-se passiva: seu intelecto se fecha, deixa de operar com os dados que os sentidos lhe comunicam e repete obsessivamente um quadro fixo de formas e sentimentos. Ao sonhar, por exemplo, o indivíduo é como um autômato: durante o sono, sua vontade jamais interfere na sequência de imagens que domina sua vida mental⁹.

Movidos pelo “entusiasmo epidêmico”, os cruzados agiram como embriagados, perderam o controle das próprias idéias, transmitindo involuntariamente uns aos outros sentimentos e crenças absurdas, aceitos com uma rigidez excepcional. “Epidêmico”, esse entusiasmo é entendido por Voltaire como uma espécie de peste que se espalha quando os costumes são grosseiros e os homens ignorantes - é o caso da Idade Média européia. O fanatismo, por exemplo, tem origem nesse contágio doentio que inviabiliza o debate de idéias e a análise cuidadosa dos fenômenos¹⁰.

Segundo Voltaire, assim como o corpo adoece, a ordem pública, atingida por excessos como o “entusiasmo epidêmico”, entra em desequilíbrio. As doenças e os excessos

passionais não podem ser definidos como um estado natural, pois degradam as condições indispensáveis à vida biológica e social. As sociedades precisam ser tratadas para evitar ou para curar esses problemas. O remédio encontra-se no espírito filosófico e na docilidade dos costumes. Quando somos capazes de meditar a respeito de nossas experiências, analisando antes de agir, evitamos a exacerbação do fanatismo. Todavia, o filósofo admite que, por vezes, os povos são contaminados por obsessões contrárias aos sentimentos sociáveis da espécie. Apenas um lento processo de esclarecimento filosófico e de pacificação dos costumes restaura ou mantém o equilíbrio - a saúde - da vida pública, impedindo que os discursos de líderes exaltados conduzam a imaginação dos homens.

A análise que Voltaire apresenta das Cruzadas evidencia sua denúncia da manipulação do imaginário. As crenças religiosas lhe parecem propensas a essa manipulação: capazes de despertar emoções intensas e fixar idéias obsessivas, elas podem bloquear os sentimentos sociáveis e impedir a análise racional da realidade. Envolvido em uma luta encarniçada contra a Igreja, Voltaire, sempre recorrendo à ironia, define em tom satírico a diferença entre “fé” e “razão”: “a fé consiste em crer não no que parece verdadeiro, mas no que parece falso a nosso entendimento”¹¹. A “fé” aqui denunciada não é aquela em um Ser Supremo cuja necessidade pode ser compreendida pelo filósofo que medita a respeito da ordem universal. A “fé” perigosa e lastimável é o efeito da “imaginação passiva” do crente submetido à “imaginação forte” do pregador, aniquilando a autonomia racional do primeiro. O entusiasmo doentio e fanático dos cruzados é fruto de um aniquilamento desse gênero. Sua “fúria” não é selvagem no sentido preciso do termo, pois deriva de um desvio do sentimento religioso natural à espécie. Essa religiosidade corrompida é doentia e bloqueia a plena manifestação das faculdades humanas. O “entusiasmo epidêmico” não é um simples artifício criado pelos líderes religiosos, mas foi induzido por eles, chegando por vezes a sair de seu controle como evidencia a narrativa da aventura de Pedro o Eremita. Indução

criminosa, pois promove uma escala de violência que nenhum interesse econômico e político objetivo é capaz de desencadear.

O *Ensaio sobre os costumes* anuncia, sem dúvida, que as crenças religiosas podem ser mobilizadas em favor de interesses econômicos e ambições políticas mas, uma vez colocados em movimento os impulsos patéticos característicos da religiosidade irracional, os rumos dos acontecimentos podem inviabilizar a realização dos objetivos dos manipuladores. Segundo Voltaire, as conquistas orientais dos cruzados foram efêmeras, pois reis e senhores empobreceram e a Igreja ficou impossibilitada de penetrar no mundo mulçumano. O fracasso econômico e político foi total. Entretanto, as Cruzadas evidenciam o espantoso poder destrutivo e a capacidade de mobilização do “entusiasmo epidêmico” promovido pela “fé”. Assim, Voltaire nem sempre considera muito eficaz a manipulação desse impulso patético em favor da conquista de recursos e de poder, porém ele frequentemente possibilita a manifestação do “mais implacável de todos os ódios”: o “ódio teológico”, a intolerância religiosa¹².

Para terminar, convém lembrar que a maneira como Voltaire caracterizou as guerras religiosas, aqui exemplificada pela narrativa da Primeira Cruzada, não foi absolutamente original e está afinada com a posição de grande parte dos deístas do século XVIII. Nas *Cartas persas*, Montesquieu, mesmo admitindo que “todas as religiões contêm preceitos úteis à sociedade”, afirma que as guerras religiosas decorrem do “espírito de intolerância”, espécie de combinação do “espírito de proselitismo” - “doença epidêmica e popular entre maometanos e cristãos” - com o “espírito de vertigem” que eclipsa a razão humana¹³. A articulação de sentidos entre proselitismo, epidemia e vertigem talvez seja uma das chaves para compreendermos a crítica ilustrada à intolerância religiosa.

NOTAS

¹ BRAUDEL, F. *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 26.

² VOLTAIRE. *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations et sur les principaux faits de l'histoire depuis Charlemagne jusqu'à Louis XIII*. Paris: Garnier, 1963, tomo II, p. 810.

³ *Ibid.*, t. I, pp. 558-567.

⁴ *Ibid.*, t. II, p. 559.

⁵ VOLTAIRE. *Dictionnaire philosophique*. IN: *Oeuvres complètes*. Paris: Garnier Frères, 1879. Reimpressão: Nendeln/Liechtenstein, Kraus Reprint, 1967, v. XIX, pp. 429-430. Esse verbete foi editado originalmente nas *Questões sobre a Encyclopédia*. Grifos do autor.

⁶ VOLTAIRE. *Essai sur les mœurs...*, t. I, p. 561.

⁷ *Ibid.*, t. I, p. 566.

⁸ VOLTAIRE. *Dictionnaire philosophique*. Paris: Garnier-Flammarion, 1964, pp. 176-177. Esta edição não contém os verbetes originalmente publicados nas *Questões sobre a Encyclopédia*.

⁹ *Ibid.*, pp. 355-356. Trata-se do verbete "Sonho".

¹⁰ *Ibid.*, pp. 189-191. Trata-se do verbete "Fanatismo".

¹¹ *Ibid.*, pp. 195. Trata-se do verbete "Fé".

¹² VOLTAIRE. *Essai sur les mœurs...*, t. II, p. 245. O autor utiliza a expressão ao tratar da execução de Servet na Genebra de Calvino.

¹³ MONTESQUIEU. *Lettres persanes*. Paris: Booking International, 1993, p. 153.